

MANGÁS, ESTRANGEIROS E EDUCAÇÃO: PELO DIREITO À INDIFERENÇA

Carlos Eduardo Ferrazo



O texto *Pedagogia do estrangeiro* (2) de Jorge Larrosa (2009), ao abordar a relação entre tolerância e indiferença, ajuda-nos a problematizar algumas práticas curriculares dos/nos cotidianos das escolas públicas do Município de Vitória, ES, com as quais temos realizado nossas pesquisas.

De fato, ao afirmar que *"o que acontece é que as pessoas que têm alguma marca étnica, aqueles que são percebidos como diferentes, são sistematicamente obrigados a dar explicações, a justificar o que fazem, o que pensam, como são, qual a sua sexualidade, como é a sua religião, o que comem, como se vestem"*, Larrosa (2009) questiona o fato de esses "estrangeiros" serem obrigados a exibir tudo aquilo que nós "não estrangeiros" podemos manter oculto.



Nesse sentido, para esses “estrangeiros” há uma permanente curiosidade por suas vidas, lhes negando o direito ao anonimato, a guardar silêncio, a permanecer ocultos e/ou indiferentes. Como afirma o autor (2009)

“os estrangeiros despertam a curiosidade de jornalistas, pesquisadores, trabalhadores sociais, juristas, polícias, instituições educacionais e todo tipo de especialistas e profissionais.

Todos parecem profundamente interessados em saber coisas sobre eles e fazer coisas com eles. É negada a eles a possibilidade de permanecerem desconhecidos, invisíveis, a possibilidade de se ausentar, de se esconder, de não participar. É negado a eles o que poderíamos chamar, talvez, de direito à indiferença”.



Durante nossas pesquisas, temos observado que esse direito ao silêncio, à indiferença, ao anonimato, tanto por parte dos alunos quanto dos educadores considerados como “os estrangeiros”, tem sido algo cada vez mais difícil de ser garantido.

Seja pela quantidade de projetos “multiculturais” nas/das escolas que assumem esse “estrangeiro” como um problema a ser solucionado, como um objeto de curiosidade, de apropriação e/ou de enriquecimento cultural do “não estrangeiro”, seja pelos múltiplos processos sociais de exclusão a que estão submetidos esses estrangeiros, inclusive nas escolas que se valem da retórica multicultural, o fato é que a esses “Outros” não

tem sido garantida a possibilidade de não quererem ser *tolerados, respeitados, aceitos ou reconhecidos*. Pelo contrário. É, sobretudo, para esses que insistem em ser “inomináveis”, “inclassificáveis” e/ou “anônimos” que as *pedagogias da transparência e da decifração* se mostram mais intolerantes.



(1)A discussão em questão nos aconteceu a partir de uma reportagem intitulada “Le Yaoi: Manga Gay de Midinettes”, publicada na revista francesa TÊTU, de setembro de 2008. O texto em questão problematizava a entrada dos mangás gays nas escolas japonesas, mostrando que, mesmo em situações para as quais haveria certa abertura para discussão de temas considerados polêmicos, há, quase sempre, uma tentativa de acomodação, adaptação ou padronização dos “diferentes” a uma dada normalidade escolar vigente.

(2) <http://www.revistaforum.com.br/>

sobre o(a) autor(a):

PROFESSOR DOUTOR DO PPGE/CE/UFES.